



PSICOLOGIA ARGUMENTO

ISSN 0103-7013

Licenciado sob uma Licença Creative Commons



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.43.121.A005>

Redes sociais significativas de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social durante a pandemia de COVID-19

Significant social networks of children and adolescents in social vulnerability during the COVID-19 pandemic

Beatriz Carla Koch

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<https://orcid.org/0009-0004-8333-3384>

beatrizcarlakoch@gmail.com

Isabella Goulart Bittencourt

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<https://orcid.org/0000-0001-8367-9298>

Marina Menezes

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<https://orcid.org/0000-0002-8518-8684>

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento através de bolsa de iniciação científica fornecida à primeira autora e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento através de bolsa de doutorado concedida à segunda autora.

Resumo

A pandemia de COVID-19 não se caracterizou como um fenômeno universal e homogêneo entre crianças e adolescentes, especialmente em contextos vulneráveis. Nesse âmbito, as redes sociais significativas podem ter importante papel protetivo. Este estudo retrospectivo e qualitativo objetivou analisar a estrutura e as funções das redes sociais significativas de 24 crianças e adolescentes residentes em contexto de vulnerabilidade social em Florianópolis–SC, durante a pandemia de COVID-19. Na coleta de dados utilizou-se um questionário sociodemográfico para caracterizar os participantes e o Mapa de Rede, adaptado para crianças e adolescentes, que foi analisado segundo Sluzki. De modo geral, durante a pandemia, as redes apresentaram tamanho médio. A maioria das pessoas citadas eram adultas, gênero feminino, com vínculos de maior proximidade com as crianças e adolescentes. Nas redes das crianças, as relações com familiares e amigos foram mais prevalentes, totalizando 120 vínculos, cujas funções predominantes foram companhia social, ajuda material e de serviços. Já nas redes dos adolescentes, prevaleceram as relações com familiares e pessoas da comunidade, com 76 vínculos que desempenharam principalmente as funções de companhia social, guia cognitivo e de conselhos. Os resultados corroboram os achados da literatura acerca das relações familiares e de amizade como principais fontes de apoio social para crianças e adolescentes durante o período pandêmico. Compreender o que crianças e adolescentes em contextos de vulnerabilidade social reconhecem como apoio durante situações adversas, pode favorecer a identificação dos indivíduos capazes de oferecer suporte, além de orientar intervenções protetivas em saúde, assistência social e educação em crises futuras.

Palavras-chave: *Desenvolvimento humano; Redes sociais de apoio; Vulnerabilidade social; COVID-19.*

Abstract

The COVID-19 pandemic did not manifest as a universal or homogeneous phenomenon among children and adolescents, especially in socially vulnerable contexts. In this regard, significant social networks may play a crucial protective role. This retrospective qualitative study aimed to analyze the structure and functions of significant social networks among 24 children and adolescents living in socially vulnerable conditions in Florianópolis, Brazil, during the COVID-19 pandemic. Data collection included a sociodemographic questionnaire to characterize participants and the adapted Social Network Map for children and adolescents, analyzed following Sluzki's framework. Overall, networks during the pandemic were of medium size, and most cited individuals were adults, predominantly women, with strong ties to children and adolescents. Among children, family and friend relationships were more prevalent, totaling 120 ties, with predominant functions of social companionship, material aid, and service support. For adolescents, family and community relationships were predominant, comprising 76 ties that primarily fulfilled functions of social companionship, cognitive guidance, and advice. The findings align with existing literature regarding family and friendship ties as key sources of social support for children and adolescents during the pandemic. Understanding what children and adolescents in vulnerable contexts identify as support during adversities can enhance the identification of individuals capable of providing assistance and informing protective interventions in health, social care, and education for future crises.

Keywords: *Human Development; Social Support; Social Vulnerability; COVID-19.*

Resumen

La pandemia de COVID-19 no se manifestó como un fenómeno universal y homogéneo entre niños y adolescentes, especialmente en contextos de vulnerabilidad social. En este escenario, las redes sociales significativas pueden desempeñar un papel protector crucial. Este estudio

retrospectivo y cualitativo tuvo como objetivo analizar la estructura y las funciones de las redes sociales significativas de 24 niños y adolescentes residentes en un contexto de vulnerabilidad social en Florianópolis, Brasil, durante la pandemia de COVID-19. La recolección de datos, utilizó un cuestionario sociodemográfico para caracterizar los participantes y el Mapa de Redes, adaptado para niños y adolescentes, analizado según el modelo de Sluzki. En general, las redes durante la pandemia presentaron un tamaño medio. La mayoría de las personas citadas eran adultos, predominantemente mujeres, con vínculos estrechos con los niños y adolescentes. En las redes de los niños, prevalecieron las relaciones con familiares y amigos, totalizando 120 vínculos, cuyas funciones predominantes fueron compañía social, ayuda material y servicios. En las redes de los adolescentes, destacaron las relaciones con familiares y miembros de la comunidad, totalizando 76 vínculos, con funciones principales de compañía social, orientación cognitiva y consejos. Los resultados respaldan la literatura sobre las relaciones familiares y de amistad como principales fuentes de apoyo social para niños y adolescentes durante el período pandémico. Comprender lo que estos grupos en vulnerabilidad social identifican como apoyo en situaciones adversas puede facilitar la identificación de individuos capaces de ofrecer ayuda y guiar intervenciones protectoras en salud, asistencia social y educación en futuras crisis.

Palabras-clave: Desarrollo Humano; Soporte Social; Vulnerabilidad Social; COVID-19.

Introdução

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, como uma pandemia global devido à ampla distribuição geográfica da doença em vários países e regiões do mundo. A partir das medidas de prevenção, com o avanço das vacinas e com a diminuição das hospitalizações, a OMS declarou o fim da emergência de saúde em maio de 2023 (OPAS, 2023). Embora a pandemia tenha afetado a todos, as experiências variaram conforme o contexto socioeconômico, medidas de prevenção e fase do desenvolvimento, tornando o impacto heterogêneo (Matta et al., 2021). Crianças e adolescentes, apesar de terem sido menos contaminados de forma sintomática e grave pelo novo coronavírus, enfrentaram desafios psicossociais significativos (Magis-Weinberg et al., 2024).

No Brasil, as múltiplas realidades, atravessadas por disparidades sociais, econômicas, raciais e de gênero, exacerbaram os desafios para famílias que viviam situações de vulnerabilidade social e que lidaram com preocupações como a falta de alimentos e acesso limitado a recursos educacionais (Binotto et al., 2021). A pandemia de COVID-19, inicialmente disseminada no Brasil por pessoas de alta renda que retornavam de viagens internacionais, rapidamente se espalhou para regiões periféricas e populações vulneráveis, expondo desigualdades estruturais no país (Estrela et al., 2020).

A precariedade das condições de moradia, a falta de saneamento básico e as dificuldades no cumprimento de medidas preventivas, como o isolamento social, agravaram o impacto do coronavírus entre as pessoas mais pobres, especialmente negros e trabalhadores informais, comumente mais expostos à inconsistência laboral, insegurança alimentar e desigualdade de acesso à saúde. Condições estas que, forçosamente, levaram ao dilema entre manter o isolamento social ou garantir a subsistência (Carvalho et al., 2021; Estrela et al., 2020). Além disso, as mulheres, sobretudo negras, foram mais afetadas pela sobrecarga de trabalho doméstico, violência e menor acesso a serviços durante a crise, aprofundando as desigualdades de gênero (Reis et al., 2021) e refletindo o racismo estrutural como um determinante social da saúde (Oliveira et al., 2020).

Em contextos de vulnerabilidade social, caracterizados de modo multidimensional por fatores individuais, coletivos e contextuais, como condições precárias de vida, falta de acesso a recursos básicos, crises e emergências climáticas e de saúde, baixa escolarização dos genitores, exposição ao tráfico de drogas, relações familiares conflituosas ou violentas, e poucas perspectivas de futuro, a população infantojuvenil enfrenta desafios adicionais que podem impactar negativamente seu desenvolvimento e contribuir para adoecimentos mentais (Matta et al., 2021). Entretanto, as redes sociais significativas, caracterizadas pelas relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas dos demais relacionamentos interpessoais (Sluzki, 1997), atuam como fatores de proteção, oferecendo suporte emocional, orientação e conexões sociais que contribuem para o enfrentamento de adversidades (Furtado et al., 2021; Gumiatri & Suryana, 2022; Moré & Crepaldi, 2012; Sluzki, 1997).

De acordo com Sluzki (1997), as redes podem ser avaliadas considerando suas características estruturais, como tamanho, densidade (conexão entre os membros independentemente do informante), composição ou distribuição (posição que cada membro ocupa nos quadrantes e círculos), dispersão (distância geográfica entre a pessoa e os membros de sua rede) e homogeneidade/heterogeneidade demográfica e sociocultural. A composição das redes inclui família, escola, trabalho, comunidade, amigos e grupos sociais (Moré & Crepaldi, 2012; Sluzki, 1997). Crianças e adolescentes podem incluir *pets* em suas redes sociais, uma vez que, animais de estimação e amigos

imaginários, podem ser fontes de apoio emocional e companhia (Gleason, 2002). As funções dos vínculos, segundo Sluzki (1997), são: a) companhia social (atividades conjuntas ou convivência); b) apoio emocional (empatia e compreensão); c) guia cognitivo (informações e referência); d) regulação social (neutraliza desvios e resolve conflitos); e) ajuda material e serviços (auxílio financeiro ou especializado); f) acesso a novos contatos (ampliação de relações).

Estudos realizados em diversos países analisaram o impacto das redes de apoio ou das relações sociais durante a pandemia de COVID-19. Na Ásia, crianças e adolescentes (de nove a 17 anos) de Hong Kong relataram uma continuidade no apoio social durante a COVID-19, embora aquelas de baixa renda percebessem uma redução do apoio (Zhu et al., 2021). Destaca-se, na Europa, o estudo de Dhoore et al. (2024), realizado na Bélgica, com crianças de nove a 12 anos. Os autores identificaram que, durante a pandemia, houve aumento da importância do apoio social, sobretudo oriundo da família e dos amigos, como preditor da satisfação com a vida. Na Itália, os adolescentes entrevistados por Perasso et al. (2023) mencionaram a família e os amigos como principais fontes de apoio social durante o período pandêmico. No entanto, a pesquisa de Berner-Rodoreda et al. (2023), realizada com participantes de seis a 15 anos na Alemanha, mostrou que a distância física, imposta pelas medidas sanitárias, foi mais difícil de lidar para crianças do que para adolescentes, pois as crianças tinham mais dificuldades em manter contato com amigos e familiares através de meios virtuais. O estudo também identificou que crianças de famílias com menor *status* socioeconômico, especialmente aquelas com antecedentes migratórios, enfrentaram desafios adicionais, como o acesso limitado à tecnologia e o maior impacto das medidas de distanciamento (Berner-Rodoreda et al., 2023).

Também realizada na Alemanha, a pesquisa de Knabe et al. (2021) examinou o impacto da pandemia nas redes de famílias já afetadas por problemas psicológicos e pobreza antes da crise sanitária. Para os participantes dessa investigação, houve um enfraquecimento das conexões sociais fora do círculo doméstico, incluindo amigos, colegas e instituições, o que contribuiu para a ampliação do isolamento das famílias, sobrecarga dentro do núcleo familiar e acentuou as desigualdades pré-existentes para manter redes de apoio e acessar recursos essenciais (Knabe et al., 2021).

Na América do Norte, Sun e Fredrick (2024) realizaram uma pesquisa com estudantes estadunidenses do quarto ao décimo segundo ano escolar. Objetivaram compreender as experiências emocionais positivas e negativas relativas à COVID-19 e como as emoções estavam associadas à internalização de problemas e ao apoio social de professores e colegas de turma. Os resultados indicaram que o apoio do professor e dos colegas “amorteceu” a relação entre emoções negativas e comportamentos internalizantes. Na América Latina, a investigação de Binotto et al. (2021) analisou os níveis de ansiedade, estresse e depressão de adolescentes brasileiros entre 12 e 18 anos, durante a pandemia de COVID-19. Foram identificados índices elevados de ansiedade, depressão e estresse, positivamente correlacionados com sentimentos de desamparo, devido à falta de interação com amigos, com o afastamento de atividades sociais e com a presença de conflitos familiares.

Destarte, a análise do conjunto da literatura especializada permitiu inferir que pesquisar as redes sociais significativas de crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social durante a pandemia de COVID-19 pode favorecer aos participantes a identificação dos membros que fizeram parte das suas redes de apoio social, nesse período crítico e sem precedentes. Ademais, tais informações podem contribuir para que crianças e adolescentes identifiquem e decidam quais redes poderão ser ativadas, desativadas, ou modificadas em outros momentos de crise.

Objetivo

O presente artigo objetivou analisar a estrutura e as funções das redes sociais significativas de crianças e adolescentes em contextos de vulnerabilidade social durante a pandemia de COVID-19. Espera-se que, a partir de uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados pela população infanto-juvenil em situações de vulnerabilidade durante a pandemia, possam ser visibilizadas as estratégias de apoio e intervenção com potencial de implementação para promover o bem-estar e desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva, transversal e retrospectiva com 12 crianças e 12 adolescentes que se encontravam em contexto de vulnerabilidade durante a pandemia de COVID-19. Este estudo está vinculado a um projeto de Tese de Doutorado, submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina sob o parecer N.^o 5.768.457, CAAE: 64122822.9.0000.0121 e seguiu os princípios da Resolução N.^o 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Os aspectos éticos relativos a pesquisas qualitativas com crianças e adolescentes (a identificação da ocorrência de relações assimétricas de poder entre pesquisadores e participantes, a ponderação entre riscos e benefícios, o consentimento, a privacidade, a confidencialidade e o armazenamento seguro dos materiais do estudo) foram considerados e seguidos pelas pesquisadoras, conforme indicado na literatura (Powell et al., 2016).

Participantes

Os participantes deste estudo foram selecionados de modo intencional e foram acessados de duas formas: a) através de dois projetos comunitários localizados em uma Área de Habitação de Interesse Social na cidade de Florianópolis–SC, Brasil. Neste caso, as coordenadoras destes projetos realizaram os convites às crianças e adolescentes de acordo com os critérios de elegibilidade para participar do estudo; e b) por meio da técnica denominada “bola de neve” (*snowball*), a partir da qual as crianças e os adolescentes participantes da pesquisa puderam indicar outros possíveis participantes com características semelhantes. Ao final da coleta de dados, cada participante era questionado se gostaria de indicar algum(a) amigo(a) ou colega que tivesse a faixa etária estipulada e fosse vinculado a um dos projetos comunitários para participar da pesquisa. Quando havia indicações, as pesquisadoras contatavam inicialmente os pais ou responsáveis pela criança ou adolescente, e em caso de aceite, posteriormente era feito o contato com o possível participante. Ambos os modos de acesso aos participantes são coerentes com estudos qualitativos e com a opção por uma amostragem não probabilística, considerando

a necessidade de obter uma população homogênea no que se refere a um conjunto de características, como faixa etária, experiência vivida e cultura (Fontanella et al., 2008).

Os projetos comunitários estavam localizados em uma das regiões do município em que são aplicadas regras específicas para uso e ocupação do solo, a fim de viabilizar para a população de menor renda o acesso à terra urbanizada e à habitação digna e sustentável. Considera-se, desta forma, como um contexto de vulnerabilidade social, aquele que é caracterizado pela ausência de investimentos sociais, falta de reconhecimento dos direitos cidadãos e por ter habitações compostas por assentamentos irregulares (Almeida & Ferreira, 2017).

Os critérios de inclusão para participação no estudo foram: a) crianças com idade entre 6 a 11 anos e 11 meses e adolescentes com idade entre 12 a 17 anos e 11 meses, na data da coleta de dados; e b) crianças e adolescentes provenientes de famílias com diversas configurações, que tivessem residido durante a maior parte da pandemia (03/2020 a 05/2023) nas comunidades em que se localizavam os projetos. Estabeleceu-se como critério de exclusão: crianças ou adolescentes que apresentassem limitações (físicas, sensoriais ou cognitivas) para compreender e responder ao instrumento de coleta de dados. Nenhuma criança ou adolescente foi excluído devido a isso. Para a delimitação do número de participantes no presente estudo, foi considerado o critério de saturação teórica para estudos qualitativos, estabelecido por Guest et al. (2006), que aponta que a saturação é obtida nas primeiras doze entrevistas, quando ocorre a recorrência de dados, indicando que a variabilidade seguiu padrões semelhantes.

Foram autorizadas pelos pais ou responsáveis a participar deste estudo 14 crianças e 16 adolescentes. Contudo, uma das crianças não autorizou a gravação em áudio e um dos adolescentes não aceitou participar. As pesquisadoras não conseguiram contato com outros dois adolescentes que, no momento da coleta de dados, não estavam participando dos projetos comunitários. Um adolescente e uma criança não foram contatados pelas pesquisadoras, pois a saturação de dados já havia sido alcançada.

Instrumentos de coleta de dados

A fim de caracterizar os participantes e responder aos objetivos propostos neste estudo, foi utilizado um Questionário Sociodemográfico (QS) respondido pelos

responsáveis legais das crianças e adolescentes. Foram incluídos dados acerca da idade, gênero, religião/crença espiritual, raça/etnia dos responsáveis e da criança ou adolescente, configuração, renda familiar, ocupação profissional dos responsáveis e escolaridade dos responsáveis e da criança/adolescente durante a pandemia de COVID-19 e no momento da coleta. Além disso, informações relativas à proteção contra o coronavírus e ao diagnóstico de COVID-19 na família foram coletadas.

O Mapa de Rede foi utilizado para obter informações sobre as redes sociais significativas das crianças e adolescentes durante a pandemia. Configura-se como um instrumento gráfico elaborado por Sluzki (1997), sendo composto por quatro quadrantes que se referem à: família, amizade, relação de trabalho ou escolares (colegas de trabalho ou de estudo) e relações comunitárias (equipes de saúde, pessoas da comunidade, credo religioso). O Mapa é composto por três círculos concêntricos que indicam o grau de intimidade e o vínculo relacional com as pessoas citadas. O círculo interno representa as relações de maior intimidade (familiares e amigos com contato direto), o círculo intermediário se refere às relações pessoais com menor grau de contato (familiares e demais relações sociais e profissionais sem grande intimidade) e o círculo externo alude às relações ocasionais (familiares distantes e pessoas conhecidas).

Originalmente elaborado para uso em psicoterapia, foi adaptado como instrumento de coleta de dados qualitativos com a população adulta por Moré e Crepaldi (2012). Considerando as especificidades relativas ao desenvolvimento de crianças e de adolescentes que estão relacionadas à linguagem, aos interesses, preocupações e às necessidades de apoio (Furman & Buhrmester, 1992; van Aken et al., 1994), foram utilizadas duas versões adaptadas do Mapa de Rede: uma para crianças escolares (seis a 11 anos) (Bittencourt et al., 2024) e outra, para adolescentes (12 a 18 anos incompletos) (Bittencourt & Menezes, 2024).

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados (aplicação do QS com os responsáveis e do Mapa de Rede com crianças e adolescentes) ocorreu entre junho e dezembro de 2023, em locais cedidos pelos dois projetos comunitários parceiros das pesquisadoras. Primeiro, foi realizado o contato com os responsáveis, convidando-os para a pesquisa e solicitando a assinatura do Termo

de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como da autorização para a participação da criança ou adolescente sob sua responsabilidade, com outro TCLE. As crianças e adolescentes foram convidados a participar, mediante o aceite do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). A coleta com a criança/adolescente era realizada de maneira individual, para a elaboração do Mapa de Rede adaptado para seu grupo etário.

Na versão do Mapa de Rede para crianças, diferente da aplicada a adultos (Moré & Crepaldi, 2012), foi usado um protocolo com recursos lúdicos, como desenhos de animais (coruja, elefante, raposa etc.), através dos quais foram apresentados tipos de apoio (funções) entre os membros da rede (Bittencourt et al., 2024). Para adolescentes, as funções foram explicadas por exemplos ligados aos seus interesses, sem o uso de figuras (Bittencourt & Menezes, 2024). Em ambas as aplicações, os participantes indicavam quem os ajudou ou foi importante durante a pandemia de COVID-19, posicionando as pessoas identificadas em um dos quadrantes e círculos do Mapa de Rede adaptado. Para isso, foram utilizados bonecos de madeira análogos a peões de jogos de tabuleiro, sem quaisquer referências de tipificação de gênero ou papéis sociais. Explicou-se aos participantes que era possível que alguns quadrantes estivessem vazios, caso não houvesse ninguém que lhes tivesse prestado auxílio ou apoio no momento da pandemia. Procurou-se oferecer a cada criança e adolescente exemplos correspondentes à realidade singular, a partir dos dados obtidos no QS.

Em seguida, o participante verbalizava às pesquisadoras de que forma tal pessoa o ajudou ou foi importante para ele durante a pandemia, de modo que pudessem ser analisadas, posteriormente, as funções dos vínculos da rede. Considerando que cada pessoa citada poderia exercer mais de uma função, buscou-se, em conjunto com a criança/adolescente, a função predominante de cada relação mencionada, utilizando perguntas auxiliares: “como você acha que essa pessoa te ajudou mais?”, “o que foi mais importante para você?”, ou “como você se sentiu mais ajudado por esta pessoa?”. Todo o processo de elaboração dos Mapas de Rede foi gravado em áudio, com autorização dos participantes e seus responsáveis, para posterior transcrição e análise dos dados.

Análise de dados

Os dados coletados do QS foram organizados em planilhas utilizando o *Google Sheets*, para possibilitar a caracterização dos participantes da pesquisa. Após a transcrição manual e literal dos relatos das crianças e adolescentes, as características estruturais das redes sociais significativas foram analisadas quanto ao tamanho, composição ou distribuição e homogeneidade/heterogeneidade, assim como as funções dos vínculos, seguindo as orientações de Sluzki (1997) e Moré e Crepaldi (2012). Esse processo foi realizado às cegas por duas pesquisadoras, a partir dos exemplos mencionados pelas crianças/adolescentes. Nos casos de divergência, uma terceira pesquisadora foi consultada para dirimir as dúvidas quanto ao processo analítico e nas situações em que permaneceram as imprecisões, duas juízas independentes com experiência em aplicação e análise do Mapa de Rede foram acionadas para avaliarem as funções descritas pelos participantes. Por se tratar de processos de aplicação e avaliação distintos, conforme o grupo etário dos participantes, as análises foram realizadas separadamente. Para garantir o sigilo, todos os dados que pudessem identificar os participantes foram omitidos.

A análise da conexão dos membros citados na rede entre si (densidade) não foi realizada neste estudo devido à complexidade para investigar esse aspecto em pesquisas com crianças e adolescentes, o que tornaria a confecção do Mapa de Rede muito longa e cansativa. A avaliação dessa dimensão requer, por exemplo, a complementação com análises qualitativas que detectem a presença de subsistemas ou conjuntos de pessoas na rede, que apresentem de modo geral, maior poder e influência, e sua relação com o informante (Sluzki, 1997). Também não foi analisada a distância geográfica (dispersão) entre os membros citados nas redes, devido à necessidade de adicionar perguntas específicas acerca deste aspecto, considerando que talvez as crianças e os adolescentes não soubessem informar.

Resultados

Características sociodemográficas dos participantes

A idade média dos responsáveis pelas 24 crianças e adolescentes do estudo era de 37 anos, variando entre 23 e 47 anos. A maioria (22) era do gênero feminino (18 mães,

uma avó e uma tia) e dois do gênero masculino (um pai e um padrasto). Dezoito responsáveis se declararam pretos ou pardos e seis, brancos. Observaram-se arranjos familiares diversos, sendo os mais comuns: mãe solo + filhos e pai/padrasto + mãe + filhos. Durante a pandemia 18 cuidadores principais eram mulheres e dois eram homens, com quatro responsáveis relatando cuidados compartilhados entre pai e mãe. Quanto à escolaridade, oito pais/responsáveis tinham ensino médio incompleto, cinco tinham ensino médio completo, quatro possuíam ensino superior completo, três relataram superior incompleto, dois referiram ensino fundamental II incompleto, um tinha fundamental completo e um mencionou que não havia concluído o ensino fundamental I. A renda média familiar bruta durante a pandemia foi de R\$2.316,13 (variou de R\$400,00 a R\$7.000,00, com a família de maior renda composta por oito membros), subindo para R\$3.369,17 no período da coleta de dados. Durante a pandemia, seis pais/responsáveis estavam desempregados (no momento da coleta de dados esse número reduziu para quatro).

Referente às 24 crianças e adolescentes, a idade média foi de 11 anos, variando entre 7 e 15 anos, com quinze participantes do gênero feminino e nove do masculino. Onze participantes se identificaram como pardos, sete como brancos e seis como pretos. Durante a pandemia, cinco frequentavam a educação infantil, quatorze o ensino fundamental I e cinco o fundamental II, todos em escolas públicas. No momento da coleta, 13 cursavam o ensino fundamental I, dez o fundamental II e um o ensino médio, também em escolas públicas. Nenhum adolescente relatou atividade laboral durante o período da pandemia ou da coleta de dados.

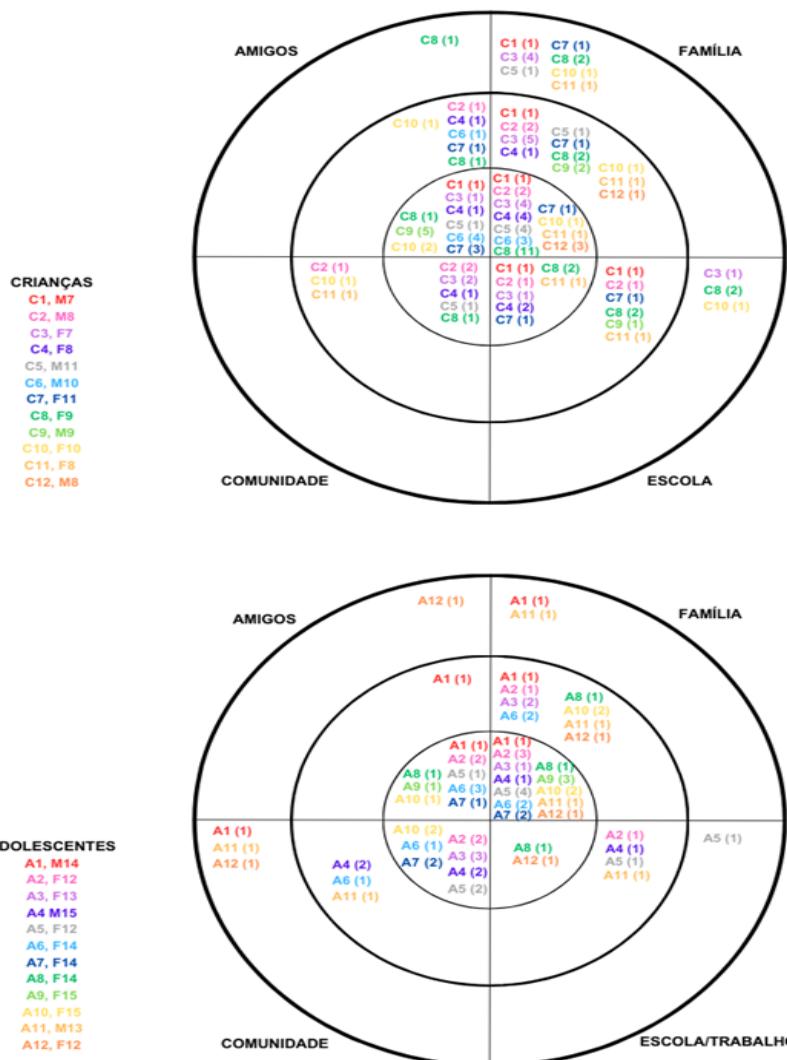
Características estruturais e funcionais das redes sociais significativas

Os resultados relativos às características estruturais das redes sociais significativas estão apresentados de acordo com os dois grupos etários: crianças e adolescentes. Assim, foram gerados dois Mapas de Rede únicos, relativos à soma das pessoas significativas citadas nas redes dos participantes em cada grupo etário, durante a pandemia de COVID-19 (Figura 1).

Figura 1

Mapas de Rede únicos de crianças e adolescentes durante a pandemia de COVID-19.

Fonte. Elaborado pelas autoras.



Notas. O número entre parênteses no mapa indica o número de vínculos citados por cada participante nos diferentes círculos e quadrantes. As crianças estão identificadas pela letra C + número de coleta + inicial do gênero (F=feminino e M=masculino) + idade. Com os adolescentes foi seguido o mesmo critério, substituindo a letra C pela letra A.

Crianças

Durante a pandemia de COVID-19, três crianças (C1, M7; C11, F8; C12, M8) tinham redes sociais pequenas, com até seis membros, enquanto outras (C2, M8; C4, F8;

C5, M11; C6, M10; C7, F11; C9, M9; C10, F10) tinham redes médias, com oito a 10 membros, e duas (C3, F7; C8, F9) apresentaram redes grandes, com 18 e 25 membros. Ao todo, as redes incluíram 120 membros, com uma média de 10 pessoas por criança. Quanto à distribuição dos vínculos nos quadrantes do Mapa de Rede, a maioria foi localizada no quadrante da família (64 membros), seguido dos quadrantes dos amigos (n=26), escola (n=20) e comunidade (n=10 membros). Três crianças (C5, M11; C6, M10; C12, M8) não referiram pessoas no quadrante da escola, cinco (C1, M7; C6, M10; C7, F11; C9, M9; C12, M8) não mencionaram pessoas no quadrante da comunidade e duas (C11, F8; C12, M8) não indicaram amigos em suas redes.

Das 120 pessoas citadas pelas crianças durante a pandemia, predominaram as relações íntimas e cotidianas, situadas no círculo 1 do mapa (n=68), seguidas pelas relações pessoais com menor grau de compromisso, mencionadas no círculo 2 (n=36), e posteriormente os membros no círculo 3 (n=16), com relações ocasionais ou com maior distanciamento. Sobre a heterogeneidade/homogeneidade, caracterizada pelas diferenças e semelhanças entre os membros citados pelos participantes, as redes foram compostas principalmente por mulheres (n=70) e adultos (n=65), sendo menor o número de crianças citadas (n=55). Entre as mulheres mencionadas, houve predominância de vínculos familiares (mãe, avó, bisavó, prima, irmã, tia, cunhada), seguida pela citação de amigas, professoras e demais vínculos (médica, enfermeira, auxiliar de limpeza na escola).

A respeito da multidimensionalidade (quantidade) de funções desempenhadas por cada vínculo, optou-se pela categorização apenas da função predominante mencionada pela criança. Nesse sentido, observou-se que as pessoas citadas pelas crianças em todas as redes desempenharam 120 funções no total. Referente às funções dos vínculos citadas como predominantes, 59 membros exerciam a função de companhia social, seguida por 32 membros que prestavam ajuda material e de serviços, sendo que 14 realizavam a função de guia cognitivo e de conselhos, 11 de apoio emocional, três de regulação social e um de acesso a novos contatos. Nos quadrantes da família e dos amigos, predominou a função de companhia social, enquanto no quadrante da escola, a função mais frequente foi a de guia cognitivo e de conselhos. Já no quadrante da comunidade, a função predominante foi a de ajuda material e de serviços.

Verificou-se que não houve diferenças entre as funções desempenhadas majoritariamente pelas pessoas de cada gênero. Os vínculos do gênero feminino desempenharam predominantemente a função de companhia social, seguida por ajuda material e de serviço, enquanto pessoas do gênero masculino também desempenharam mais frequentemente as mesmas funções. Na Tabela 1, são apresentados alguns exemplos com relatos que ilustram as funções desempenhadas pelos membros das redes sociais significativas das crianças durante a pandemia de COVID-19.

Tabela 1

Exemplos de funções desempenhadas pelos vínculos das redes das crianças durante a pandemia de COVID-19

Funções dos vínculos	Família	Escola	Amigos	Comunidade
Companhia Social	“Ela ficava comigo quando que minha mãe não tava lá (...) A gente fazia comida (...) junto” (C9, M9)	“O meu amigo que eu sempre bato cartinha na escola” (C1, M7)	“É... todos os dias a gente brincava, a gente ficava fazendo historinha, ela [amiga] foi... ela foi a que mais brincou comigo na pandemia” (C7, F11)	“Brincava, jogava, deixava entrar na casa dele pra jogar (...) surf, e... esqueci... Minecraft” (C4, F8)
Apoio Emocional	“Ela ajudava ligando, tipo perguntando se nós estava bem, é isso. E eu acho isso uma forma de ajudar, né? Perguntando se tá bem?” (C5, M11)	“Ela sempre tava comigo no meu lado quando que eu precisava” (C9, M9)	“Quando eu me sentia muito mal ele... ele de vez em quando tentava tentar fazer eu ficar alegre” (C2, M8)	Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.

Funções dos vínculos	Família	Escola	Amigos	Comunidade
Guia Cognitivo e de Conselhos	"Ela me ajudou por causa que de vez em quando (...) eu ficava no chão, né? Ela me avisou <i>pra</i> poder sair porque o chão era gelado. Também teve uma vez que se eu não escutasse ela, já era <i>pro</i> meu pé (...) por causa que ela disse: 'bate o sapato antes' Aí, quando que eu bati, saiu uma aranha desse tamanho (...) Me dando aviso <i>pra</i> eu não ficar doente" (C2, M8)	"Conversando comigo, me ajudando a fazer as tarefa" (C3, F7)	"Ela me ajudava nas continhas, me ajudava na leitura, ela me ajudava quando eu não sabia ler... Ela lia <i>pra</i> mim, né? Quando não sabia escrever, ela me ajudava. Quando eu não sabia escrever um negócio, ela falava as sílabas Tipo A, M, I, G, O, S. Tipo assim, soletrava" (C10, F10)	"Quando eu tinha COVID, ela pedia <i>pra</i> mim ir <i>pra</i> casa, não pegar chuvisco, sereno (...) porque aí a mãe ia me levar no postinho" (C11, F8)
Regulação Social	"Me defendendo do meu irmão quando ele queria me bater" (C8, F9)	"Ela me ajudava com (...) um menino da minha sala que fica me incomodando. Ela fala para o professor que ele incomoda" (C4, F8)	Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.	Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.
Ajuda Material e de Serviços	"Quando minha mãe não tinha remédio em casa, ele me ajudava. Minha mãe não tinha dinheiro nem remédio (...) aí ele mandava <i>pra</i> minha mãe dinheiro (...) <i>pra</i> ela comprar remédio" (C5, M11)	"A enfermeira porque quando eu estava muito doente ela usava um remédio, só que era ' <i>paracetabal</i> ' (...)" (C2, M8)	Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.	"Ele ajudou a minha mãe (...) dando cesta básica, né? Porque também, minha mãe não tava (...) trabalhando, né? Por causa da pandemia" (C8, F9)

Funções dos vínculos	Família	Escola	Amigos	Comunidade
Acesso a Novos Contatos	“Me levando na casa dele <i>pra mim</i> brincar com a namorada dele, o filho dele, dela, né?” (C8, F9)	Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.	Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.	Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.

Fonte. Elaborado pelas autoras.

Nota. As crianças estão identificadas pela letra C + número de coleta + inicial do gênero (F=feminino e M=masculino) + idade.

Adolescentes

Durante a pandemia de COVID-19, cinco adolescentes (A1, M14; A3, F13; A4, M15; A10, F15; A11, M13) apresentaram redes sociais de tamanho médio, com seis a sete vínculos, quatro participantes (A7, F14; A8, F14; A9, F15; A12, F12) tinham redes pequenas, com até cinco vínculos, e três (A2, F13; A5, F12; A6, F14) possuíam redes grandes, com nove vínculos. A média foi de seis vínculos por participante, totalizando 76 conexões, compostas por 64 membros individuais, 10 grupos (familiares e comunitários) e dois grupos de *pets* (animais de estimação).

A distribuição indicou a presença de 35 vínculos no quadrante da família (33 pessoas, um grupo e um grupo de *pets*), 21 no quadrante da comunidade (incluindo grupos comunitários, de saúde e de *pets*), 14 no quadrante dos amigos e seis no da escola. Assim, o maior número de vínculos referidos pelos adolescentes foi no quadrante familiar. Quarenta e oito relações foram citadas como de maior proximidade (círculo 1), 21 tinham menor grau de compromisso (círculo 2) e sete eram ocasionais (círculo 3).

De forma similar ao ocorrido com as redes das crianças, as redes dos adolescentes durante a pandemia de COVID-19 foram compostas predominantemente por adultos (n=43), quando comparadas ao número de menores de 18 anos citados (n=15). Também foram mencionadas mais pessoas do gênero feminino (n=38), com destaque para os vínculos familiares (mãe, tia, prima, irmã, avó), seguidos de outros vínculos (professoras, pedagogas, psicólogas, amigas e mãe de amiga). Esses resultados indicam que as redes apresentaram homogeneidade quanto ao gênero e à idade (mulheres adultas) e ao tipo de vínculo (familiar).

A função predominante foi a de companhia social (22 vínculos), seguida por guia cognitivo e conselhos (19), ajuda material e de serviços (18) e apoio emocional (15). No quadrante da família, prevaleceu a função de companhia social, seguida por guia cognitivo e de conselhos. Entre os amigos, a função de companhia social foi mais frequente, no quadrante da escola predominou o apoio emocional, e no quadrante da comunidade, a função mais frequente foi a ajuda material e de serviços.

Realizou-se também uma análise das funções desempenhadas e gênero, considerando apenas os indivíduos e não os grupos. Verificou-se que os membros citados do gênero feminino desempenharam majoritariamente a função de guia cognitivo e de conselhos, seguido pela função de apoio emocional. Já as pessoas do gênero masculino foram citadas desempenhando, de forma mais frequente, a função de companhia social. A Tabela 2 ilustra alguns exemplos de citações dos adolescentes quanto às funções desempenhadas pelos vínculos nas suas redes.

Tabela 2

Exemplos de funções desempenhadas pelos vínculos das redes dos adolescentes durante a pandemia de COVID-19

Funções dos vínculos	Família	Escola	Amigos	Comunidade
Companhia Social	"Eu brincava com meu pai (...) ele fazia muita coisa pra mim brincar, bambolê que eu amava, eu fazia ginástica. Aí eu brincava com meu pai (...) jogava no celular dele. A gente jogava vôlei também, futebol" (A10, F15)	Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.	"É porque eu, no momento ruim, também, ele tava bastante ali comigo. É, a gente ficava bastante junto também, jogava bola" (A1, M14)	"Às vezes a gente ia e fazia encontros em família, então era muito bom pra orar e eu gostava" (A3, F13)
Apoio Emocional	"Acho que ela me ajudava é (...) acho que me distraindo e me dando bastante abraço e amor"	"Ele, tipo, ele sempre foi um professor muito bom, mas a maioria das vezes ele era	"Fazendo eu rir, me entretendo, me ajudando (...), 'avacalhando' comigo. Me	"Ficar cuidando do gatinho dela é uma coisa que me deixava feliz, me alegrava, porque

Funções dos vínculos	Família	Escola	Amigos	Comunidade
	(A2, F12)	<p>grosso, mas ele conseguia entender que, tipo, eu tinha asma e não conseguia ficar fazendo coisas muito difíceis. E quando eu tinha alguma dúvida, ele sempre tirava minha dúvida, como poucos professores faziam” (A5, F12)</p>	<p>ajudava, tipo, por exemplo, eu ia na casa dele triste, saia feliz. Me ajudava emocionalmente ” (A4, M15)</p>	<p>eu ficava brincando. Quando eu era pequena, eu ficava brincando muito de escolinha, sozinha com as minhas bonecas. E eu fingia que os gatos eram meus filhos. O gato, ele sente quando a pessoa gosta e não gosta. E quando eu chegava lá, eles vinham tudo assim no meu colo. Aí eu chegava, eles ficavam, tipo, felizes, né? Que tinha alguém. E as minhas cachorrinhas também” (A10, F15)</p>
Guia Cognitivo e de Conselhos	“Na escola ela me ajudou bastante, bastante mesmo. Ela me ajudava a interpretar as coisas, a como fazer, sentava comigo <i>pra</i> me ajudar a fazer (...) entender meu corpo” (A9, F15)	“Ela me ajudava a aprender mesmo. Ela me ensinava, quando eu não entendia, ela falava mais calma, ela me ensinava a falar mesmo, a me pronunciar, a me corrigir” (A12, F12)	“Ah, como eu não gostava muito da escola também, ele me ajudava bastante, mas quando minha mãe não podia, eles também me ajudava” (A1, M14)	“É isso, ele me incentivava bastante, conversava, me dava muito conselho” (A2, F12)
Regulação Social	“Às vezes ela conversava, falava	“Como eu ficava muito	Não foram citados	Não foram citados

Funções dos vínculos	Família	Escola	Amigos	Comunidade
	<p>que tipo, se a minha irmã quisesse alguma coisa e estava difícil de comprar, não dava naquele mês, que não era <i>pra</i> gente ficar se brigando, porque eu e minha irmã a gente se briga, né? É que ela explicava a situação que a gente <i>tava</i> que não dava <i>pra</i>, por exemplo, no supermercado não dava <i>pra</i> pedir as coisas. Que a gente vinha aqui, com a moeda social não era <i>pra</i> comprar besteira doce, era <i>pra</i> comprar alimento <i>pra</i> dentro de casa” (A6, F14)</p>	<p>agoniado com a máscara, ela deixava eu tirar” (A11, M13)</p>	<p>exemplos dessa função nesse quadrante.</p>	<p>exemplos dessa função nesse quadrante.</p>
Auxílio Material e de Serviços	<p>“Quando a gente não tinha nada em casa também, ou assim, tipo, ou ele mandava dinheiro <i>pra</i> nós” (A1, M14)</p>	<p>Não foram citados exemplos dessa função nesse quadrante.</p>	<p>“É (...) como a minha mãe, né? Ia trabalhar, aí não tinha ninguém <i>pra</i> me levar (...) ela me dava carona <i>pra</i> me levar e me buscar no balé. E (...) E ela também, quando tipo. A minha mãe não tinha um remédio lá, não tinha um remédio em</p>	<p>“Ela ajudou com cesta básica” (A7, F14)</p> <p>“Eu acho que foi (...) pela ajuda também dos alimentos. Daí também com ajuda, tipo, se tivesse muito ruim, assim, ou quisesse conversar com alguém e não tivesse, daí era</p>

Funções dos vínculos	Família	Escola	Amigos	Comunidade
			casa. Ela dava <i>pra minha mãe</i> pra ela poder dar <i>pra mim,</i> entendeu? (...) Ou quando <i>tava</i> sem dinheiro, que não é todo dia que a gente tem, né? Ela emprestava <i>pra</i> minha mãe, sabe? Não tinha o dia certo <i>pra</i> pagar, sabe?" (A2, F12)	só vir aqui que tinha psicóloga" (A6, F14)

Fonte. Elaborado pelas autoras.

Nota. Os adolescentes estão identificados pela letra A + número de coleta + inicial do gênero (F=feminino e M=masculino) + idade.

Discussão

Os dados sociodemográficos dos cuidadores e das crianças e adolescentes participantes deste estudo indicam um quadro complexo e multifacetado de vulnerabilidade social, manifestando-se em diversas dimensões, incluindo gênero, raça, escolaridade e condições econômicas. A predominância de cuidadores principais do gênero feminino (n=18) sugere um padrão comum em contextos de vulnerabilidade social, no qual as mulheres assumem frequentemente o papel de cuidadoras primárias (Reis et al., 2021). A literatura especializada aponta que as mulheres enfrentam desafios adicionais, como a necessidade de equilibrar trabalho e cuidado, o que pode impactar negativamente seu bem-estar e o de seus filhos em função da sobrecarga (Trujillo et al., 2023).

A diversidade racial entre os cuidadores (nove pretos, nove pardos e seis brancos) e os participantes do estudo (onze pardos, sete brancos e seis pretos) aponta que as famílias participantes do estudo eram predominantemente inter-raciais. Sabe-se que os grupos raciais historicamente marginalizados enfrentam barreiras adicionais no acesso a

recursos e oportunidades, o que pode se traduzir em dificuldades na obtenção de emprego, educação de qualidade e serviços de saúde, exacerbando a vulnerabilidade social (Matta et al., 2021; Schucman, 2023).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2021), em 2021, no período crítico da pandemia de COVID-19, a proporção de pessoas pobres no país era de 18,6% entre os brancos e praticamente o dobro entre os pretos (34,5%) e entre os pardos (38,4%), ressaltando que a inter-relação entre raça e classe social representa um fator crítico na análise da vulnerabilidade social. Observou-se que seis cuidadores estavam desempregados durante a pandemia e que esse número diminuiu apenas para quatro cuidadores no momento da coleta de dados, corroborando os dados do *World Bank Group* (2022), que sugeriram que a recuperação pós-crise sanitária seria tão desigual quanto seus impactos econômicos iniciais, e que os grupos vulneráveis necessitariam de muito mais tempo para recuperar as perdas de renda relacionadas a pandemia. Outro indicador importante de vulnerabilidade social evidente no presente estudo foi o nível de escolaridade dos responsáveis. A maioria possuía apenas ensino médio incompleto, o que ressalta o complexo fenômeno que é a vulnerabilidade social, pois a baixa escolaridade limita as oportunidades de emprego e, consequentemente, afeta a renda familiar (Li, 2023).

A escolaridade das crianças e adolescentes participantes deste estudo também apresentou uma particularidade: todos frequentavam escolas públicas na pandemia e no momento da coleta de dados (pós-pandemia). Sobretudo durante o período pandêmico, destaca-se o papel fundamental das escolas da rede pública brasileira na criação de mais oportunidades para os alunos em condições de maior vulnerabilidade social (Koslinski & Bartholo, 2022). Nesse sentido, é importante mencionar que as escolas públicas no Brasil suspenderam as aulas presenciais e apenas algumas escolas tiveram aulas remotas durante o ano de 2020 e parte de 2021. O retorno ao ensino presencial aconteceu de forma lenta e gradual, mais de um ano após o início da emergência de saúde global de COVID-19 (INEP, 2022; Koslinski & Bartholo, 2022). A literatura especializada indica que a interrupção das atividades escolares e a falta de acesso a recursos educacionais durante a pandemia poderão ter impactos duradouros no desenvolvimento das crianças e

adolescentes, especialmente em contextos em que a maioria está vinculada à educação pública (Magis-Weinberg et al., 2024; INEP, 2022).

O conjunto dos resultados apresentados acerca das redes sociais significativas dos participantes possibilitou analisar a estrutura e as funções dos vínculos das redes pessoais de crianças e adolescentes residentes em contexto de vulnerabilidade social, durante a pandemia da COVID-19. Desse modo, em termos estruturais, as redes de crianças e adolescentes apresentaram, em sua maioria, tamanho médio. De acordo com Sluzki (1997), as redes de tamanho médio são mais efetivas do que as redes muito numerosas ou pequenas, tendo em vista que em redes com poucos integrantes pode haver sobrecarga nas situações de tensão prolongada e o consequente afastamento das pessoas. Já em redes muito grandes, diante de eventos estressores ou que geram tensionamentos, os integrantes “supõem” que o suporte está sendo prestado por alguém, e o apoio da rede acaba sendo menos efetivo (Sluzki, 1997).

Referente à distribuição dos vínculos, os participantes citaram predominantemente pessoas no quadrante da família, corroborando o lugar da família como contexto primário de relações significativas, visto que para as crianças e adolescentes, a família é a sua primeira rede, cuja percepção do apoio se desenvolve a partir da relação de apego estabelecida com os cuidadores primários (Furtado et al., 2021). Ademais, as medidas de isolamento e distanciamento social adotadas na pandemia levaram as famílias em períodos críticos a estarem em *lockdown*, confinados apenas com pessoas que habitavam na mesma residência, o que, no caso de crianças e adolescentes, na maioria das vezes eram os seus familiares (Magis-Weinberg et al., 2024).

De forma semelhante aos achados dos estudos de Zhu et al. (2021) e Perasso et al. (2023), ao mencionarem que durante o período pandêmico as crianças e adolescentes receberam mais apoio de seus familiares e amigos, as crianças, mais do que os adolescentes do presente estudo, também referiram o apoio recebido das relações de amizade. Isso destaca o importante papel desempenhado por este tipo de relacionamento no bem-estar infantojuvenil, pois conforme acrescentam Dhoore et al. (2024), o apoio da família e amigos foi preditor da satisfação com a vida para crianças durante a pandemia de COVID-19.

Aspecto também evidenciado entre os participantes deste estudo, especialmente, as crianças, foi a menção ao apoio de alguns professores. A importância do apoio do professor e dos pares foi mencionada no estudo de Sun e Fredrick (2024) ao evidenciarem a sua função como “amortecedor” da relação entre emoções negativas e comportamentos internalizantes das crianças durante a crise sanitária da COVID-19. Tais dados se alinham à perspectiva de que as crianças apresentam diferentes fontes de apoio em seus círculos sociais, incluindo pessoas da família, amigos e professores, que são reconhecidos como pessoas que desempenham papéis importantes no suporte ao seu desenvolvimento (Furtado et al., 2021).

A literatura referente às redes de apoio e ao apoio social ao longo do desenvolvimento, destaca que o apoio dos professores diminui e o apoio dos pais permanece um pouco mais estável à medida que a idade aumenta, da infância à adolescência (Furman & Buhrmester, 1992). Fato que também foi observado entre os participantes no presente estudo, tendo em vista que os adolescentes citaram com mais frequência as relações familiares do que as relações vinculadas à escola, quando comparados às crianças.

Pesquisas que examinaram as mudanças de desenvolvimento e a repercussão em redes de apoio social de crianças sugerem que o apoio dos amigos tende a aumentar na transição da infância para a adolescência (Furman & Buhrmester, 1992). No entanto, os adolescentes da presente pesquisa indicaram menos vínculos com amigos e com pessoas da escola durante a pandemia, se comparados às conexões citadas pelas crianças nessas mesmas relações. Estima-se que o *lockdown*, o fechamento das escolas por um longo período e a falta de interações face-a-face tenham contribuído para esse resultado (INEP, 2022; Koslinski & Bartholo, 2022; Magis-Weinberg et al., 2024). Por outro lado, grupos e coletivos, que representam arranjos de pessoas valorizados na adolescência (van Aken et al., 1994), foram visibilizados nas relações com indivíduos da comunidade pelos adolescentes do presente estudo, os quais puderam voltar a frequentar os projetos comunitários após a redução das medidas de isolamento social.

Nesse sentido, os projetos comunitários foram percebidos por alguns adolescentes como espaços de convivência, cujas relações favoreciam o provimento de ajuda material e de serviços durante a pandemia, atuando como um fator protetivo no contexto de

vulnerabilidade social. Tal dado diverge do que Magis-Weinberg et al. (2024) observaram entre os efeitos da pandemia de COVID-19 nos relacionamentos de adolescentes entre si, indicando que a falta de atividades extracurriculares foi relacionada à percepção de pouco suporte social, na perspectiva de adolescentes em diferentes países.

Considerando que a pandemia da COVID-19 foi um momento de crise sanitária mundial, que ocasionou medidas de isolamento e distanciamento social (OMS, 2024), é importante salientar a mudança na disponibilidade de contato entre as pessoas que integravam as redes sociais significativas das pessoas. Em alguns casos, o contato passou a ser limitado e mediado pelas tecnologias e em outras situações o contato foi interrompido, as rotinas foram alteradas, as escolas fechadas, o acesso aos serviços de saúde e demais serviços também foram reduzidos (Fundação Oswaldo Cruz [FIOCRUZ], 2020; Magis-Weinberg et al., 2024). Essa forma de contato mediada tecnologicamente possibilitou que alguns vínculos fossem mantidos, apesar das medidas sanitárias, reduzindo o sentimento de solidão (Gumitri & Suryana, 2022). Contudo, é importante ressaltar que a diminuição ou ausência de contato com as pessoas significativas da rede durante uma situação crítica, como foi a pandemia, pode potencializar a condição de vulnerabilidade de seus membros (Knabe et al., 2021).

Destarte, referente à presente pesquisa, é possível inferir que o apoio percebido pelas crianças e adolescentes em suas redes durante a pandemia, mesmo em condição de vulnerabilidade social, pode ser relacionado aos seguintes fatores: a) composição das redes em termos de tamanho, e b) a maior parte dos membros citados pelos participantes em suas redes pertencerem ao grupo familiar, uma vez que a família se constitui como o primeiro ambiente de interação da criança com os demais contextos (Furtado et al., 2021).

As funções predominantes dos vínculos citados pelas crianças durante o período pandêmico foram de companhia social e ajuda material e de serviços. Já no caso dos adolescentes, as funções prevalentes foram de companhia social, guia cognitivo e de conselhos e apoio emocional. Assim, observou-se que tanto no caso de crianças quanto adolescentes, a função predominante dos vínculos das redes durante a pandemia de COVID-19 foi a companhia social, que se refere à realização de atividades conjuntas ou o simples fato de estar juntos (Sluzki, 1997). Embora a importância dos relacionamentos sociais e das interações no desenvolvimento infantojuvenil esteja bem estabelecida, esse

fator se torna particularmente protetor quando os jovens enfrentam crises ou adversidades, como foi o caso da pandemia (Gumitri & Suryana, 2022; Maria, 2020). Assim como destacado nos estudos de Berner-Rodoreda et al. (2023) na Alemanha e Binotto et al. (2021) no Brasil, os relacionamentos sociais durante a pandemia contribuíram para evitar o sentimento de isolamento social que leva à solidão e pode acarretar dificuldades na saúde mental das crianças e adolescentes.

Em termos desenvolvimentais, adolescentes enfrentam suas próprias questões, que exigem uma análise específica, em vez de serem extrapoladas dos resultados de estudos sobre o estresse na vida adulta. Entre as principais preocupações dos jovens estão o desenvolvimento e a manutenção de relacionamentos pessoais no contexto de amizades e grupos de colegas, além de questões relacionadas à independência e autonomia. Adolescentes também se preocupam com o "curso de vida", envolvendo educação, trabalho e lazer (van Aken et al., 1994). Dessa forma, obter informações e ter modelos de referência torna-se relevante e protetivo ao desenvolvimento. Em consonância, pode-se compreender que a menção dos adolescentes deste estudo às funções de guia cognitivo e de conselhos, e de apoio emocional pode sugerir que tais necessidades foram supridas por alguns membros de suas redes sociais significativas, especificamente por pessoas do gênero feminino, durante a pandemia de COVID-19.

Em contraste, também se verificou que alguns participantes mencionaram conflitos com seus familiares. As participantes C8 e A6 (Tabelas 1 e 2), ao referirem como as funções de apoio recebido de alguns membros da família as auxiliava (função de regulação social), sugerem a existência de conflitos com o irmão no caso de C8, e irmã no caso de A6, aspecto que corrobora a literatura que indica a relação com os irmãos como uma possível fonte de conflito (Gleason, 2002). Também se observou ambivalência em algumas relações que mencionavam “brigas” ou “grosseria” (p.e. A5). Cabe destacar que os conflitos são comuns em todas as relações interpessoais e podem ser intensificados durante crises e eventos estressores, como a da COVID-19 (Silvério & Matos, 2024).

Nesse sentido, algumas relações, especialmente familiares, devido ao aumento do convívio no período pandêmico, poderiam apresentar algum nível de conflito (Binotto et al., 2021; Silvério & Matos, 2024). Porém, para a maioria dos participantes do presente estudo, as relações familiares foram mencionadas como significativas e desempenharam

um papel promotor de bem-estar, durante o evento da pandemia. Vale mencionar que, embora alguns participantes tenham relatado situações sugestivas da presença de conflitos em certos relacionamentos, não foi o objetivo deste estudo explorar em profundidade tais situações em suas relações com os membros de suas redes sociais significativas.

Quanto às conexões das crianças e dos adolescentes, houve predomínio de relações com pessoas adultas e do gênero feminino, indicadas como referência de cuidado familiar e/ou escolar no período pandêmico. Durante a pandemia da COVID-19, crianças e adolescentes participantes de outras investigações relataram um aumento notável em sua dependência de figuras femininas adultas como fontes de cuidado e apoio (Almeida et al., 2020). Essa tendência pode ser atribuída a vários fatores, incluindo os papéis tradicionais de gênero que há muito atribuem uma carga desproporcional de responsabilidades de cuidado às mulheres (Trujillo et al., 2023).

Ademais, a pandemia exacerbou as disparidades de gênero existentes, pois foram muito frequentes os relatos de mulheres referindo o aumento das tarefas domésticas, incluindo cuidados com crianças e idosos, que se tornaram mais intensos durante esta crise (Almeida et al., 2020; Reis et al., 2020). No presente estudo, as mulheres adultas foram mencionadas pelos participantes como pessoas que desempenhavam predominantemente as funções de companhia social, ajuda material e de serviços, e de guia cognitivo e de conselhos (frequentemente relacionado às questões escolares).

O contexto de vulnerabilidade social se mostrou presente nos exemplos trazidos pelas crianças e adolescentes durante a pandemia, a partir das dificuldades financeiras e de acesso à educação, saúde e alimentação, o que se reflete nos dados sociodemográficos apresentados, demonstrando a complexidade e a necessidade de abordagens integradas e multidimensionais que respondam às necessidades da população que se encontra em tais condições. Nesse sentido, evidencia-se que identificar os fatores que possam contribuir para a promoção de ambientes mais saudáveis e protetores para crianças e adolescentes em vulnerabilidade social são fundamentais, bem como identificar e fortalecer as redes sociais significativas de crianças e adolescentes, cujos vínculos desempenham um importante papel diante de eventos estressores e situações de crise, como a pandemia de COVID-19.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar a estrutura e funções das redes sociais significativas de crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social durante a pandemia de COVID-19. A partir das perspectivas dos participantes, foi possível caracterizar os aspectos estruturais e funcionais predominantes de tais redes, identificando-se o reconhecimento do protagonismo das mulheres no provimento de apoio/suporte percebido por crianças e adolescentes, especialmente através de vínculos familiares. A proximidade e os vínculos significativos familiares emergiram como fatores de proteção nessa situação de crise, destacando a importância dessas relações para o bem-estar e resiliência das crianças e adolescentes em contextos vulneráveis.

A realização da presente pesquisa possibilitou a visibilização das redes sociais significativas e o funcionamento dos vínculos familiares, comunitários, escolares e de amizades como potenciais fatores protetivos que podem contribuir para o desenvolvimento de intervenções de profissionais de serviços de saúde, assistência social e educação baseadas no que crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social reconhecem como fontes de apoio social, especialmente em situações adversas e críticas. A aplicação do Mapa de Rede, instrumento de fácil compreensão para a população infanto-juvenil proveniente de realidades diversas, pode favorecer a identificação de relações protetivas em suas redes de apoio. Também pode contribuir para a construção de um trabalho em rede, à medida que indica aos profissionais de saúde, educação e assistência social que atuam com essa população, quem são as pessoas que crianças e adolescentes referem como significativas em suas redes e que podem ser acionadas em momentos de crise. A menção dos membros da família como principais fornecedores de apoio, conforme os participantes deste estudo, indica a necessidade de amparo também aos adultos, principalmente as mulheres. Assim, ao mapear, ampliar e fortalecer as redes sociais significativas das mulheres, estende-se a ação de cuidado e proteção às crianças e adolescentes, além de possibilitar a intervenção de diferentes setores.

Quanto às limitações da pesquisa, destaca-se a ausência de informações sobre as redes sociais significativas dos participantes antes do período pandêmico, o que teria possibilitado a realização de comparativos sobre os efeitos da pandemia nas

configurações das redes de apoio social dessa população. Também é possível citar a falta de informações referentes às percepções dos adultos responsáveis pelos participantes, quanto à estrutura e as funções dos vínculos das redes sociais significativas das crianças e adolescentes sob seus cuidados durante a pandemia, e assim traçar paralelos entre perspectivas de crianças, adolescentes e adultos. Sugere-se ainda que estudos futuros possam analisar longitudinalmente as redes sociais de apoio na transição da infância para a adolescência e desta para a adultez, em contextos de vulnerabilidade social em outras situações de crise, a partir da interface com doenças crônicas, hospitalização, exposição a violências e/ou transtornos mentais. Ademais, embora tenham sido mencionados alguns conflitos relacionais nos relatos de participantes, não foram aprofundadas tais narrativas, considerando o objetivo do estudo. Indica-se, portanto, que outras pesquisas qualitativas investiguem tal questão, sobretudo na relação das crianças e adolescentes com os adultos.

Mencionam-se também os aspectos metodológicos da pesquisa, como os desafios da coleta de dados em contextos vulneráveis. Conhecer o território no qual os participantes estavam inseridos demandou diversas idas ao campo, previamente ao contato com as crianças e adolescentes. O conhecimento das condições de moradia, do contexto e a aliança estabelecida entre as pesquisadoras e os projetos comunitários forneceram subsídios à escuta e à compreensão das narrativas dos participantes. Também propiciaram que encaminhamentos e articulações em rede fossem realizadas pelas pesquisadoras, quando necessário.

Além disso, foram identificadas especificidades no uso do Mapa de Rede adaptado para a população infanto-juvenil. O instrumento utilizado é extenso e exige treinamento e habilidades do pesquisador no manejo com as crianças e adolescentes, respeitando os preceitos éticos. Neste estudo, foi necessário, com alguns participantes, a realização de pausas durante a aplicação do Mapa, bem como um momento prévio à coleta de dados dedicado ao *rapport* com todos os participantes. Em investigações com crianças e adolescentes, reforça-se a necessidade da construção de um vínculo entre pesquisador-participante a fim de propiciar um ambiente favorável à expressão infanto-juvenil. Sugere-se, deste modo, que estudos futuros possam utilizar o Mapa de Rede adaptado para crianças e adolescentes, a fim de identificar as redes sociais significativas

desta população em diferentes situações de vida, com vistas a aperfeiçoar o instrumento, para empregá-lo em contextos de pesquisa e intervenção.

Referências

- Almeida, I. T. L., & Ferreira, R. (2017). Ocupação urbana e degradação ambiental: o caso do maciço Morro da Cruz em Florianópolis-SC. *Meio Ambiente e Sustentabilidade*, 11(6).
- Almeida, M., Shrestha, A., Stojanac, D., & Miller, L. (2020). The impact of the COVID-19 pandemic on women's mental health. *Archives of Women's Mental Health*, 23, 741-748. <https://doi.org/10.1007/s00737-020-01092-2>
- Berner-Rodoreda, A., Baum, N., Zangerl, K., Wachinger, J., Hoegl, H., Li, L. Y., & Bärnighausen, T. (2023). "I couldn't see my friends; the internet was bad, and I hardly went out"—insights into children's and adolescents' experiences of COVID-19 in Germany. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, 18(1), 2271271. <https://doi.org/10.1080/17482631.2023.2271271>
- Binotto, B. T., Goulart, C. M. T., & Pureza, J. da R. (2021). Pandemia da COVID-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. *Psicologia e Saúde em Debate*, 7(2), 195–213. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N2A13>
- Bittencourt, I. G., & Menezes, M. (2024). *Adaptação do mapa de rede social significativa para uso em pesquisas qualitativas com adolescentes*. Manuscrito em preparação.
- Bittencourt, I. G., Colomé, C. S., & Menezes, M. (2024). *O uso do mapa de rede social significativa em pesquisas qualitativas com crianças em idade escolar*. Manuscrito submetido para publicação.

- Carvalho, A. R. D., Souza, L. R. D., Gonçalves, S. L., & Almeida, E. R. F. D. (2021). Vulnerabilidade social e crise sanitária no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(9), e00071721. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00071721>
- Dhoore, J., Spruyt, B., & Siongers, J. (2024). Locked down: The gendered impact of social support on children's well-being before and during the COVID-19 pandemic. *Child Indicators Research*, 17(1), 367-394. <https://doi.org/10.1007/s12187-023-10076-4>
- Estrela, F. M., Soares, C. F. S., Cruz, M. A. D., Silva, A. F. D., Santos, J. R. L., Moreira, T. M. D. O., ... & Silva, M. G. (2020). Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. *Ciência & saúde coletiva*, 25(9), 3431-3436. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.14052020>
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de saúde pública*, 24, 17-27. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63(1), 103–115. <https://doi.org/10.2307/1130905>
- Furtado, M. P., Magalhães, C. M. C., Júnior da Silva, A. M., & Santos, J. O. (2021). Rede de apoio da criança acolhida: A perspectiva da criança. *Mudanças*, 29(1), 9-20. <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mu.v29n1p9-20>
- Gleason, T. R. (2002). Social provisions of real and imaginary relationships in early childhood. *Developmental Psychology*, 38(6), 979-992. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.38.6.979>
- Guest, G., Bunce, A., & Johnson, L. (2006). How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. *Field methods*, 18(1), 59-82. <https://doi.org/10.1177/1525822X05279903>

Gumitri, A., & Suryana, D. (2022). The role of peer relationship during COVID-19 pandemic toward social development in the early age. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, 668, 13-16. <https://doi.org/10.2991/assehr.k.220602.004>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2022). *Apresentação da pesquisa sobre o impacto da COVID-19 no Censo Escolar 2020*. Recuperado de: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2020.pdf

Koslinski, M., & Bartholo, T. (2022). *Nota técnica 22/12: Impactos da pandemia na educação brasileira*. Recuperado de: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf

Knabe, A., Kölch, M., Spitzer, C., & Reis, O. (2021). Consequences of the corona pandemic on social networks in families at risk. *Psychotherapeut*, 66, 225-232. <https://doi.org/10.1007/s00278-021-00491-9>

Li, N. (2023). Analysis of the Impact of Family Education Level on Household Income: A Study Based on the CHFS Database. *International Journal of Accounting and Finance Studies*, 6(1), 50-59. <https://doi.org/10.22158/ijafs.v6n1p50>

Magis-Weinberg, L., Arreola Vargas, M., Carrizales, A., Trinh, C. T., Muñoz Lopez, D. E., Hussong, A. M., & Lansford, J. E. (2024). The impact of COVID-19 on the peer relationships of adolescents around the world: A rapid systematic review. *Journal of Research on Adolescence*. <https://doi.org/10.1111/jora.12931>

Maria, M. (2020). No child is an island: Sociability in times of social distancing. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 29, 901-902. <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01572-x>

Matta, G. C., Rego, S., Souto, E. P., & Segata, J. (Orgs.) (2021). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: Populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Fiocruz. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>

Moré, C. L. O. O., & Crepaldi, M. A. (2012). O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 21(43), 84-98. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/265>

Oliveira, R. G. D., Cunha, A. P. D., Gadelha, A. G. D. S., Carpio, C. G., Oliveira, R. B. D., & Corrêa, R. M. (2020). Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(9), 1-14. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150120>

Organização Pan-Americana de Saúde (2023). *OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19*. Recuperado de: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>

Perasso, G., Serantoni, G., Paoletti, P., Maculan, A., & Lillo, C. (2023). Emotions, social support and positive resources during Covid19 pandemic: A qualitative-quantitative survey among Italian adolescents. *Ricerche di psicologia: I*, 2023, 83-105. <https://doi.org/10.3280/rip2023oa16630>

Powell, M. A., & Truscott, A. G. J. (2016). Ethical research involving children: facilitating reflexive engagement. *Qualitative Research Journal*, 16(2), 197-208. <http://dx.doi.org/10.1108/QRJ-07-2015-0056>

Reis, A. P. D., Góes, E. F., Pilecco, F. B., Almeida, M. D. C. C. D., Diele-Viegas, L. M., Menezes, G. M. D. S., & Aquino, E. M. (2021). Desigualdades de gênero e raça na pandemia de Covid-19: implicações para o controle no Brasil. *Saúde em Debate*, 44, 324-340. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E423>

Schucman, L. V. (2023). *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*. Fósforo.

- Silvério, B. M., & Matos, M. P. P. (2024). Contenção social e relações familiares: Influência da quarentena na interação pais-filhos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 26(1), 1-20. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP15824.en>
- Sluzki, C.E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sun, L., & Fredrick, S. (2024). Youth Emotional Experiences during COVID-19: Relations with internalizing problems and social support. *Child Indicators Research*, 17(3), 1355-1377. <https://doi.org/10.1007/s12187-024-10123-8>
- Trujillo, C., Olano, N., Gutiérrez, K., Medellín, D., Sánchez, P., Mesa-Rubio, M., ... & Varela, A. (2023). COVID-19 in children and the influence on the employment activity of their female caregivers: A cross-sectional gender perspective study. *Frontiers in Global Women's Health*, 3, 1021922. <https://doi.org/10.3389/fgwh.2022.1021922>
- van Aken, M. A. G., Coleman, J. C., & Cotterell, J. C. (1994). Issues concerning social support in childhood and adolescence. In F. Nestmann, & K. Hurrelmann (Eds.), *Social networks and social support in childhood and adolescence* (pp. 429-441). Walter de Gruyter. Recuperado de: <https://d-nb.info/940688395/04>
- World Bank Group. (2022). Relatório de desenvolvimento mundial 2022: Finanças a serviço de uma recuperação equitativa. Recuperado de: <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022>
- Zhu, S., Zhuang, Y., & Ip, P. (2021). Impacts on children and adolescents' lifestyle, social support and their association with negative impacts of the COVID-19 pandemic. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(9), 4780. <https://doi.org/10.3390/ijerph18094780>